

Representações sociais sobre o racismo entre estudantes da educação profissional e tecnológica em Belém/PA¹

Kirla Korina Anderson Ferreira
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA, Pará)

Palavras-chave: Racismo, Sociologia, Ensino.

INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo principal compreender antropologicamente quais são as percepções dos alunos da educação profissional e tecnológica, na cidade de Belém, estado do Pará, sobre o conteúdo Raça e racismo em perspectiva interseccional. Para isso, parti da consideração antropológica sobre raça, que significa um sistema construído socialmente de classificação das pessoas por critérios físicos e biológicos, para problematizar as estruturas da nossa sociedade atual.

Na organização do conteúdo, considerei os estudos de importantes nomes da antropologia, como Gonzalez (1984) e Munanga (2004), que chamam atenção para as nuances que o racismo apresenta na sociedade brasileira, bem como as contribuições de autoras ligadas ao feminismo negro, como Akotirene (2019) e Ribeiro (2019), para subsidiar reflexões em sala de aula sobre a adoção de práticas antirracistas. A discussão teórica se fez em formato de rodas de conversa, em que os alunos eram incentivados a debater em pequenos grupos sobre uma situação problema específica e depois partíamos para o debate mais amplo com toda a turma.

A escolha teórica e metodológica levou em consideração que o ensino de sociologia no ensino médio tem como objetivo promover o pensamento crítico dos estudantes a partir da realidade próxima a eles. Segundo Bodart (2024), a sociologia escolar consiste na organização dos conteúdos de antropologia, sociologia e ciência política na educação básica de acordo com as especificidades, o que requer discussão teórica e sua articulação com o contexto histórico, social e político dos estudantes, que o autor chama de transposição didática.

O procedimento metodológico contou com aula expositiva e dialogada sobre racismo estrutural e uma sessão de vídeo debate, em uma turma de terceiro ano do ensino

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano 2026).

médio, com a exibição do Filme O Xadrez das Cores (2004), que mostra o combate cotidiano entre uma trabalhadora doméstica negra e uma patroa branca, em analogia a uma partida de xadrez. Os alunos assistiram ao filme tendo que destacar uma cena que, na opinião deles, retratava o racismo da forma como ainda se expressa nos dias de hoje, levando em consideração o que foi discutido ao longo do bimestre.

Sendo assim, nas próximas seções, o texto abordará a discussão teórica e metodológica adotada na disciplina de sociologia, a descrição das atividades desenvolvidas em sala de aula, em especial a exibição e debate do filme referido e em como os estudantes relacionaram as questões de raça, racismo e interseccionalidade às suas experiências pessoais.

2. ESCOLHAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Para a organização teórica do conteúdo, optei por articular a perspectiva antropológica, no que diz respeito aos conceitos de raça e racismo, com a categoria de interseccionalidade, elaborada pelo feminismo negro. De acordo com Akotirene (2019), este conceito pode ser considerado uma lente através da qual é possível investigar como os diferentes sistemas de opressão (gênero, raça e classe) se interseccionam na experiência social de diversos indivíduos e grupos sociais, especialmente entre as mulheres negras.

Munanga (2004) conceitua racismo como uma justificativa biológica para sustentar o sistema de diferenças e desigualdades construído historicamente a partir de fatores culturais e étnicos. Neste contexto, pode-se pensar o racismo como uma construção ideológica de dominação e exploração.

Para além dos conceitos apresentados até aqui, a discussão em sala de aula também se utilizou da definição de racismo estrutural, como sendo um conceito das ciências humanas utilizado para compreender formas de discriminação, preconceito e segregação baseadas na ideia de raça, e que estão presentes no funcionamento normal das sociedades. Segundo Almeida (2019), racismo estrutural não se refere a um tipo específico de tratamento discriminatório, mas, ao contrário disso, que a um elemento presente na forma de organização da sociedade. Está muito longe de significar qualquer tipo de patologia, ou um desvio de caráter de quem o comete, pois ele sustenta as desigualdades e violências de todo tecido social.

Racismo estrutural é a forma de discriminação racial presente em uma sociedade e está incorporada à sua forma de organização e funcionamento. No Brasil, a herança

desigual da escravidão, associada à ausência de medidas do Estado para inclusão das populações negra e indígena ao mercado de trabalho e também de assistência social e cidadania, foram fundamentais na reprodução do racismo estrutural.

É preciso atentar para o valor político que a articulação dos conceitos de raça e racismo representaram. A problematização e reflexão sociológica em sala de aula dessas questões corroboram ao entendimento de que as diferenças entre as sociedades humanas implicam em lugares sociais, acesso a bens e prestígios igualmente diferenciados, e que não são frutos do acaso. O Imperialismo praticado no século XIX, que consistiu numa política de expansão territorial e econômica contra determinados países, e o eventos genocidas da 2ª Guerra Mundial, atestam a utilização política da ideia de raça, porque está no plano do poder e da dominação (Almeida, 2019).

Chamar atenção para o fato de a construção dos conceitos de raça e racismo se ligarem ao contexto social, político, econômico e social significa considerar as etapas de alfabetização e letramento sociológicos no processo de ensino e aprendizagem na educação básica (Bodart, 2024). Por alfabetização sociológica, o autor chama ao primeiro contato dos discentes com os conceitos da sociologia. O letramento sociológico, por sua vez, diz respeito à aplicação desses conceitos na leitura crítica da realidade social.

Sendo assim, o conceito sociológico de raça diz respeito à sua utilização como instrumento político, que busca naturalizar desigualdades e legitimar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários até hoje. Podemos dizer que tais questões encontram-se internalizadas na forma de organização e funcionamento das sociedades humanas.

Ao longo da discussão teórica da disciplina, debatemos que junto com o conceito de raça, surgem o preconceito e a discriminação racial. O preconceito racial está ligado ao juízo de valor, a um tipo de julgamento, que se faz sobre determinadas pessoas ou grupos humanos, de forma simplista e generalizada, sem se quer conhecê-los. Já a discriminação racial é o tratamento diferenciado dado às pessoas, com base em questões biológicas ou étnico-culturais, sendo que, neste último, há a possibilidade de se atribuir vantagens ou não aos indivíduos ou grupos, por conta da raça.

Um importante nome das ciências sociais que estudou as imbricações da raça na estrutura social é o de Fernandes (1965). O autor mostrou que a integração dos negros na sociedade de classes não havia se efetivado, decorridos quase 100 anos da abolição da escravatura, ocorrida em 1888. A abolição não produziu vantagens para os negros, que migraram para as áreas urbanas, sem encontrar trabalho, moradia digna e nenhum tipo de

amparo por parte do estado brasileiro.

Em outro trabalho antropológico sobre a integração da população negra na sociedade brasileira, Guimarães (2004) realizou também chamou atenção às sutilezas do racismo na produção e manutenção de desigualdades. Em seu estudo sobre preconceito e discriminação racial, entre os anos de 1987 e 1997, investigou os registros feitos por pessoas negras em jornais e delegacias da Bahia e São Paulo. O autor alerta que esses casos não se restringem a casos isolados de preconceito e discriminação raciais, resultado do nosso passado colonial. Mas, mais do que isso, trata-se de racismo e que está ligado às questões sociais, ideológicas e políticas de nossa sociedade. Significa que o imaginário social incorporou que as diferenças raciais se traduzem na negação de direitos civis à população negra, como se (simbolicamente) tentasse manter uma ordem hierárquica com base na raça.

Damatta (2001) argumenta na mesma direção, quando mostra que a hierarquização das raças operou no plano social e, principalmente, simbólico, que gerou um tratamento desumano às pessoas negras e de negação de seus direitos.

Por conta desse tratamento desigual e racista na sociedade brasileira, Almeida (2019) defende a existência de uma “discriminação positiva”, ao se referir às políticas de ações afirmativas. O tratamento diferenciado a grupos discriminados historicamente e marginalizados produziu sua exclusão de espaços de prestígio e poder. As políticas de ação afirmativa, como as cotas, agem para corrigir ou diminuir desigualdades e de promover a igualdade de oportunidades.

O racismo, portanto, não é um caso isolado, mas um processo de condições de subalternidades e privilégios, que se articula à segregação racial, esta sendo a divisão espacial das raças em localidades específicas. Como exemplos, podemos citar a formação de bairros, guetos e periferias em grandes cidades, formados, em sua maioria, por pessoas negras, bem como os regimes segregacionistas dos Estados Unidos e o apartheid na África do Sul.

O procedimento metodológico adotado durante as aulas contou com aula expositiva e dialogada sobre raça, racismo estrutural e interseccionalidade, além de uma sessão de vídeo debate sobre o filme *O Xadrez das Cores* (2004). O conteúdo foi trabalhado ao longo do segundo bimestre na disciplina de sociologia no terceiro ano do ensino médio integrado, onde a disciplina ainda era ofertada nos três anos. As aulas aconteceram por aproximadamente dez semanas, com duas horas de aula semanais, o que permitiu o desenvolvimento de pequenos debates.

3. RELAÇÕES RACIAIS, RACISMO E INTERSECCIONALIDADE ENTRE OS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

A discussão sobre raça, racismo e interseccionalidade em sala de aula teve como pressuposto a leitura prévia pelos alunos dos conteúdos que seriam abordados em sala. Além do capítulo do livro didático Silva *et al* (2018), disponibilizei uma cópia em formato pdf dos textos de Almeida (2019), Berth (2019), Akotirene (2019) e Ribeiro (2019), para subsidiar o debate.

Uma das estratégias de culminância ao debate teórico, foi a realização de um cine-debate, com a exposição de *O Xadrez das Cores*, um filme lançado em 2004, com aproximadamente 21 minutos de duração. O filme tem como enredo a relação entre Cida, uma mulher de 40 anos, e Maria, de 80 anos, marcada pelas tensões e conflitos do racismo. Cida é contratada como empregada doméstica e cuidadora pela família de Maria e, desde o início da narrativa, Maria ofende Cida reiteradamente de forma racista, disfarçada de brincadeiras e comentários mal intencionados, o que já dá a ideia ao espectador das sutilezas que sustentam a discriminação racial no Brasil (Gonzalez, 1984; Almeida, 2019).

Imagem 1: A partida de xadrez como metáfora ao embate cotidiano



Fonte: Google Imagens.

Os alunos tiveram que assistir ao filme, tendo que destacar uma cena que, na opinião deles, retratava o racismo da forma como ainda se expressa nos dias de hoje. As cenas de ofensas de Maria contra Cida, principalmente durante as partidas de xadrez foram citadas algumas vezes. É curioso destacar que é Maria quem ensina Cida a jogar, a pedido desta,

momento em que há comparação das hierarquias produzidas pelo racismo, o que também foi falado por um dos estudantes.

À medida em que vão se aproximando nas jogadas do jogo, vão encontrando aproximações em suas histórias de vida, mas com contornos diferentes em relação ao sistema de gênero, raça e classe. Uma das estudantes, Camila, destacou que a história se passa entre duas mulheres, com visões de mundo e localização social diferentes, embora se trate da relação entre duas mulheres, chamando atenção à interseccionalidade (Akotirene, 2019).

Imagem 2: Cida e Maria disputando uma partida de xadrez



Fonte: Google Imagens.

O debate se encaminhou para uma perspectiva interseccional a respeito da relação entre as personagens. Enquanto as duas falam da ausência de seus filhos, uma em razão da violência urbana e outra pela violência patriarcal, se desenha a situação de que a mulher não é uma categoria universal, muito menos se considerarmos seu pertencimento de classe e raça.

Os discentes chamaram atenção às cenas em que Maria verbaliza o racismo, fazendo questão de pontuar a superioridade dos brancos, o que, em certa medida, se relaciona à estrutura social e simbólica do país (Almeida, 2019; DaMatta, 2001). A estudante Luiza comparou isso com a relação da própria mãe com a sua avó paterna, que não foi aceita como namorada pela então sogra por ser uma mulher negra. Segundo Luiza, a relação entre elas ainda é de animosidade, provocada principalmente pela avó, que

também faz distinção entre os netos conforme o tom de pele.

Luiza disse que, segundo sua mãe, o início do relacionamento foi bem difícil, chegando ao ponto da mãe deixar de frequentar a casa da avó. A relação entre elas até hoje é difícil, encontrando-se apenas em situações pontuais como Natal, porque a avó agia (e ainda age) como a personagem Maria.

Discriminação, preconceito e políticas afirmativas entraram no debate, quando relacionaram o fato de Cida estar ensinando xadrez para as crianças de sua vizinhança. Paula destacou que Cida está mais exposta à violência, por morar numa área de periferia, e pela situação ser retratada nas brincadeiras das crianças no início do filme. Ao aprender a jogar xadrez, Cida trata de ensinar a novidade às crianças do bairro.

Na casa de Raquel, a avó dizia para as filhas se casarem com homens brancos para “clarear a família”. Raquel fez questão de dizer que “era engraçado, professora, que para a minha avó, isso era uma coisa certa a ser dizer, porque era um bem para a família”. Por muito tempo, Raquel disse que achou estranho, que não entendia muito bem, mas que se sentia incomodada com as palavras da avó, pois era como se o seu próprio tom de pele fosse inadequado. Esta aluna também demonstrou que seu incômodo se relacionava ao fato da sua família ser majoritariamente composta por pessoas negras e essa fala soava como se fosse a parte “ruim” e que precisava ser “melhorada”.

Para além das cenas específicas do filme em que o racismo é sempre muito explícito, embora naturalizado de maneira jocosa, foram os vários relatos pessoais em comparação ao enredo cinematográfico, que mais chamaram atenção. Os alunos, em especial as meninas, trouxeram muitos relatos pessoais, como falas racistas em relação à cor da pele e preferências amorosas e desafios no mercado de trabalho vivenciados por seus pais, mães e avós, bem como ofensas em relação à cor da pele e textura do cabelo.

Disseram também que, em razão do racismo do nosso cotidiano, “negaram”, expressão dita por uma delas, os cabelos crespos com alisamentos e outros procedimentos estéticos. A partir das experiências pessoais dos alunos, nota-se que o racismo continua se atualizando na estrutura de funcionamento da sociedade contemporânea e, para combatê-lo, é necessário ampliar espaços de debates e adotar práticas educacionais antirracistas (Ribeiro, 2019).

Para o debate deste tema em sala de aula, busquei priorizar autores negros para a abordagem, em especial autoras ligadas ao feminismo negro, para dar outra perspectiva para o entendimento do tema. As reflexões partem de uma atividade feita em sala de aula, que se relacionam a toda forma de organização didática do conteúdo no ensino médio.

Cabe destacar que esta turma foi a última no formato de sociologia nos três anos do ensino médio, o que traz questionamentos quanto à exclusão de disciplinas na formação dos estudantes, pois o conteúdo de sociologia contribui como repertório para o ENEM e arrisco a dizer como repertório para compreensão da vida pessoal também.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi discutido ao longo do texto, reforço a importância do ensino da temática de raça, racismo e interseccionalidade na disciplina de sociologia no ensino médio, pois se apresenta como possibilidade de formação crítica dos estudantes. Além disso, reforça o caráter de problematização e desnaturalização da sociologia escolar, ao se utilizar os conceitos da disciplina como ferramenta para leitura da realidade social.

A realização deste debate se deu por meio de rodas de conversa, com a exposição da perspectiva antropológica de nomes importantes no Brasil, como também por autoras ligadas ao feminismo negro, para o debate de questões cotidianas, tendo como culminância a realização de um cine-debate. A exibição do filme *O Xadrez das Cores* foi seguido por um debate sobre as cenas que mais chamaram atenção dos estudantes que retratavam como o racismo se apresenta ainda hoje. Cenas de ofensas da personagem Maria para Cida foram bastante citadas, mas também relacionadas com situações de racismo que aconteceram com suas famílias.

A partir das experiências pessoais dos alunos, nota-se que o racismo continua se atualizando na estrutura de funcionamento da sociedade contemporânea e, para combatê-lo, é necessário ampliar espaços de debates e adotar práticas educacionais antirracistas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BODART, Cristiano. **O que aprender para ensinar sociologia**. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2024.

DAMATTA, Roberto. A ilusão das relações raciais. In: **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2001. P. 35-48.

FERNADES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Dominus/EDUSP, 1965.

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. **Preconceito e discriminação**: queixas de ofensas e tratamento desigual dos negros no Brasil. São Paulo: Editora 34, 2004.

GONZALEZ, Lelia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, ANPOCS, 1984, p. 223-244. Disponível em: [Microsoft Word - RACISMO E SEXISMO NA CULTURA BRASILEIRA](#). Acesso: 18 jun. 2026.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira. Niterói/RJ: EDUFF, 2004. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoosDeRacaRacismoIdentidadeEEtnia.pdf. Acesso em: 18 jun. 2026.

O xadrez das cores. Direção de Marco Schiavon. Rio de Janeiro: Midmix Entretenimento, 2004.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Afrânio; LOUREIRO, Bruno; MIRANDA, Cassia; FERREIRA, Fátima; FERREIRA, Lier Pires; SERRANO, Marcela M.; ARAÚJO, Marcelo; COSTA, Marcelo; NOGUEIRA, Martha; OLIVEIRA, Otair Fernandes de; MENEZES, Paula; CORRÊA, Raphael M. C.; PAIN, Rodrigo; LIMA, Rogério; BUKOWITZ, Tatiana; ESTEVES, Thiago; PIRES, Vinicius Mayo. **Sociologia em Movimento**. São Paulo: Moderna, 2018.